

## UMA LEITURA DE ADÃO E EVA DA GERAÇÃO DE 70

Milton Francisco da Silva<sup>1</sup>

**RESUMO:** Realizamos aqui uma leitura comparativa entre o texto bíblico *A queda*, capítulo 3 do Gênesis, o poema *A Árvore do Mal*, de Guerra Junqueiro, e o conto *Adão e Eva no Paraíso*, de Eça de Queiroz – dois escritores portugueses da *Geração de 70*. Para tanto, utilizamos da Crítica Temática e da perspectiva teórica da Teopoética, proposta por Kuschel (1999).

**Palavras-chave:** Adão e Eva, Guerra Junqueiro, Eça de Queiroz.

**RÉSUMÉ:** Nous réalisons ici une lecture comparative entre le texte biblique *A queda* (*La Chute*), chapitre 3 du Gênesis, le poème *A Árvore do Mal* (*L'Arbre du Mal*), de Guerra Junqueiro, et le conte *Adão e Eva no Paraíso* (*Adam et Ève aux Paradis*), d'Eça de Queiroz – deux auteurs Portugais de la *Génération de 70* du XIXe siècle. Pour telle lecture nous nous utilisons de la Critique Thématique et de la perspective théorique de la Théopoétique, proposée par Kuschel (1999).

**Mots-clé:** Adão e Eva, Guerra Junqueiro, Eça de Queiroz.

### 1 A GERAÇÃO DE 70 E ASPECTOS DE SEU DISCURSO SOBRE DEUS

Além dos escritores da *Geração de 70* que citaremos aqui – Guerra Junqueiro, Eça de Queiroz e Antero de Quental –, participaram do grupo também Teófilo Braga, Gomes Leal, Oliveira Martins, Ramalho Ortigão. A breve exposição a seguir são apenas indícios do que foi a *Geração de 70*.

Interessante estudo sobre a obra de Eça é o de Bueno (2000), que se preocupa em “analisar a forma, por vezes complexa, como a figura de Jesus Cristo aparece na obra ficcional de um dos principais representantes da *Geração de 70*” (p.29). Nesse trabalho, a autora, com certeza, faz ver elementos da obra eciana pouco explorados pela crítica em geral. Sobre a *Geração*, Bueno (2000, p.28) atenta que

não podemos desconsiderar que se de um lado eles foram muito atuantes tanto na crítica que fazem à Igreja laica e materialista de então, como em relação ao papel exercido pelo clero no seu país, por outro lado, procuraram preservar não só muitos dos valores éticos e morais do Cristianismo como muitas vezes também o mito de Jesus Cristo.

O grupo criticou não somente a instituição e o clero, mas também a própria cultura e o estado português, com que a igreja/clero mantinha relações amigáveis demais. Isto é, a *Geração de 70* interrogou sobre a identidade portuguesa daquele momento.

Fazendo referência a Deus e desviando do discurso eclesiástico, Quental (p.24), como se estivesse no púlpito de uma Catedral de Lisboa, diria ao clero e aos fiéis: “Na Índia ou na Judéia, na Grécia ou em Roma, nos tempos heróicos, na Idade Média ou no Século XIX, o fim é sempre o mesmo e é a mesma a vontade de ir – só os caminhos é que são diversos”. Deus é único, e existe independente de crença, de orientação religiosa, de época ou contexto. “Os deuses rivais podem combater-se, mas não se contradizem, porque uns e outros são filhos do mesmo princípio – o sentimento [humano] religioso” (Quental, p.24). Deus nasce é no peito de cada homem, constituindo-se unidade!

Além do anticlericalismo, outra questão-chave da *Geração de 70* é a dessacralização da figura de Jesus Cristo. Fazer desmoronar o principal indivíduo do Cristianismo tornou-se fundamental para fazer demolir a Igreja Católica. “A igreja era o alvo de todos os ódios e violências. Mas a igreja não se destruía, sem se destruir o Cristianismo. E para o Cristianismo desaparecer, era preciso, em primeiro, fazer desaparecer o Cristo” (Neves, 1945, p.206, *apud* Bueno, 2000, p.17). Compartilhando essa opinião, Bueno complementa: “era preciso pôr em xeque o cerne dessa instituição. E como o cerne do Cristianismo, aquilo que, em sua origem, o distinguiu do Judaísmo, foi a atribuição de caráter de sagrado a Jesus, negar a sua divindade seria um dos meios mais eficazes para atingir esse objetivo” (p.19).

A dessacralização de Cristo, porém, não deve ser tomada a rigor, porque, por vezes, esses escritores “procuraram preservar não só muito dos valores éticos e morais do Cristianismo como muitas vezes também o mito de Jesus Cristo”, como bem observa Bueno (2000, p.28). Essa postura ambígua da *Geração de 70* se justifica, em parte, pelo fato de serem educados em uma cultura cristã, em que Jesus é a figura central.

No entanto, leram criticamente o texto bíblico e produziram uma literatura distinta da crente, eclesiástica e religiosa. A esse respeito pronuncia-se Kuschel (1999, p.215):

formam-se nos escritores formas próprias de ser religioso, das quais as categorias clássicas não conseguem dar conta. Nem as categorias de integração a uma Igreja ou religião, nem as categorias da crítica moderna à religião são adequadas para apreender esse processo de fusão.

O *escritor-religioso* constitui-se sujeito uno, distinto, original; seu modo de constituir-se *religioso* diz respeito a propriedades e atributos que não permitem agrupá-lo aos demais escritores. As palavras de Kuschel sugerem que formas de ser *religioso*, ainda desconhecidas, podem surgir nos sujeitos-escritores.

---

<sup>1</sup> Professor do Curso de Letras da Universidade Federal do Acre, mestre em Lingüística.

Em *A Relíquia*, de Eça de Queiroz, o Diabo tem voz e vez, expressa seu descontentamento com Deus e com Jesus: “A face humana tornava-se para sempre pálida, cheia de mortificação; uma cruz escura, esmagando a terra, secava o esplendor das rosas, tirava o sabor aos beijos” (p.53). Sobre essa passagem, observa Ferraz (1997, p.104): “o Diabo de Eça lastima a tristeza da face humana empalidecida por tantas mortes e o deus estranho criado pela religião da cruz”. O Diabo mostra-se, de certo modo, perplexo com as ações do Criador.

Guerra Junqueiro, por sua vez, no prefácio à segunda edição de *A Velhice do Padre Eterno*, lança sua crítica à postura de Deus no que concerne à criação, relatando um pouco de sua história: *Quem diria que este truculento Sr. Padre Eterno, um pobre Deus semita, desprotegido e bárbaro, um Deus de quarta ou quinta classe, havia de fazer uma carreira tão longa e tão brilhante!* Deus, sanguinolento, fúnebre, velhote, selvagem, castrado e piolhoso, porco, cheirando a alho, impotente, que não teve prole nem o prazer do orgasmo, para se tornar o Todo-Poderoso e Supremo, teve catorze fôlegos com os quais fez que seus colegas em divindade caíssem no esquecimento e fossem extintos (essa é de certo modo a condição de Buda e de Brama: deuses decaídos). O Todo-Poderoso também bradou contra Júpiter – *O universo sou eu!* – e conquistou o Olimpo. Assim, Deus se tornou o Deus da Grécia de Alexandre e da Roma dos Césares! E Guerra Junqueiro aponta a dívida de Deus. A quem deve seu sucesso? A Jesus, o homem que levou a cruz redentora até o cimo do Calvário, que agonizou no Gólgota, sem que Deus aliviasse sua dor. Deus teria ignorado a súplica de Jesus: *Abandonas-me, Pai? – Soluçava Cristo, no estertor.* Para Guerra Junqueiro, Jesus não era um homem de bom senso. Se o fosse, teria abandonado aquela cruz, um cerne bem maior do que seu corpo privado da atividade esportiva e das regalias da comida, teria valorizado o estio da vida, teria dito a todos que o heroísmo é uma asneira, teria negociado com Pilatos. Mas não, *salvou a Humanidade.*

Guerra Junqueiro considera a morte de Jesus necessária para Deus, que não queria ver o Filho maior que o Pai. Deus, aposentado, tinha medo do sucesso de Cristo, jovem e saudável, que viveu em prol de Deus. No entanto, após a morte, Jesus não tem o reconhecimento de Deus. Parece que sua ressurreição surpreendeu o Pai. Eis que Cristo, ao entrar pelo Paraíso, leva algo além do que Deus desejava com sua morte: *Trago-te o império do Universo. Aí o tens, meu Pai!* Essa fala mostra o tamanho da simplicidade do Nazareno, que doou sua vida e tudo dá a Deus, como bem expressa Deus em pensamento: *Esse meu Filho, como todos os grandes gênios, é um idiota. Divino imbecil! Deixei-o crucificar, e ele, em recompensa, faz de mim – pobre Deus de Jerusalém – o Deus do Universo inteiro!* Com

sarcasmo. A atitude de Deus não poderia ser pior para com o Filho que o amou e dedicou-lhe a doçura e o vigor da Vida.

Um questionamento: até que ponto a *Geração de 70* tem razão?

Para Quental, Deus é um mistério à disposição da Humanidade, que jamais será de todo compreendido. Reflete o autor: “a Bíblia tem branca as últimas páginas, para que lhe possa cada geração nova [cada escritor] escrever lá o verso de oito de cada novo Evangelho que se revele” (Quental, p.17). E Eça e Junqueiro escrevem seus versos.

Dialogando com Quental, Kuschel (1999, p.225) atenta que “é aguda nos textos literários a consciência de que não se dispõe do objeto de que se fala. E o mesmo vale para a teologia”. Deus é um desconhecido, e isso relevante para justificar a crítica de Eça e de Junqueiro exposta acima e a que veremos na análise a desenvolver. Em face desse Deus, na perspectiva da Teopoética, é que o escritor sempre se volta para a condição humana no mundo, para a presença divina em dado contexto social, para a condição e papel – atribuídos pela Humanidade – de Deus entre os homens.

## 2 CRÍTICA TEMÁTICA: ASPECTOS METODOLÓGICOS

Para a análise, orientamo-nos pela Crítica Temática, recorrendo a Bergez (1997).

Podemos pensar na relação que o sujeito – leitor ou escritor – estabelece com os objetos do mundo, os quais parecem ser o ponto de partida para a criação literária. A esse respeito, a postura de Béguin é a de recusar a falsa “distinção entre o eu e os objetos, que me faz crer que meus órgãos da percepção *normal* registram a cópia exata de uma *realidade*.” (1939, *apud* Bergez, 1997, p.105). Não, os órgãos não captam a realidade e, por conseguinte, o escritor não *reproduz* em seu texto os objetos do mundo real. A situação do escritor é a de que vejo os objetos na minha perspectiva, atribuindo-lhes de modo particular valores e conteúdo, e essa postura encontra-se na base de uma obra e de seu tema.

Poderíamos questionar que elementos do texto apontam ou fornecem o *tema*. Uma alternativa de resposta seria pela repetição de determinadas expressões lingüísticas, as quais remeteriam a conteúdos cruciais (indivíduos, eventos, coisas) à construção do tema. Não obstante, as expressões recorrentes podem, porém, remeter a diferentes conteúdos, à medida que são enunciadas, conduzindo, assim, a uma heterogeneidade semântica que não condiz com a construção ou identificação temática. Desse modo, tal alternativa mostra-se frágil. Aliás, esse levantamento de freqüências, conforme Bergez (p.118), não é meio de se obter o

tema de uma obra. Na verdade, uma *leitura temática* “tende a formar uma rede de associações significativas e recorrentes; não é a insistência que faz sentido, mas o conjunto das conexões que a obra forma, em relação com a consciência que nela se expressa” (Bergez, p.118-9). Em outro momento, observa o autor: “o *tema* fornece [...] um elemento comum de significação ou de inspiração, que permite comparar, a partir de um mesmo *índice*, obras de autores diferentes” (Bergez, p.99).

Os críticos de inspiração temática homogeneizam a leitura que fazem da obra, “eles procuram desvelar-lhe a coerência latente, revelar as afinidades secretas existentes entre seus elementos dispersos” (Bergez, p.110-1). Entendemos que esse tipo de leitura se dá no sentido de encontrar semelhanças – e também diferenças – entre os diversos elementos submersos no texto, concorrentes ao conteúdo, de modo a desvelar o *tema* que o(s) texto(s), resguarda(m). Veja que o *tema* não se constitui pela unidade, mas pela diversidade *conteudística* permeadora do texto. É como se o crítico mergulhasse na(s) obra(s), envolvendo-se com todos os elementos de ordem diversa que a(s) compõem, como se ele se localizasse no centro de uma força centrípeta constituidora do texto sem, contudo, se encontrar em um núcleo uno da obra.

Havemos de atentar também para a maneira como o crítico pode ou deve expor, argumentar, desenvolver sua análise. Bergez (p.116-7) enfatiza que a crítica temática *realiza* um movimento que é, ao mesmo tempo, espiritual e fisiológico, de modo o crítico “separar o menos possível seu próprio discurso dos textos que comenta: ora se limita a seguir a cronologia das obras [...]; ora se empenha em multiplicar as citações, em tecer juntamente a palavra crítica e a voz da obra; ora, enfim, coloca o crítico na mesma posição do autor que comenta”. Nossa tentativa, na seqüência, é a de utilizar desses procedimentos. A análise por certo vai parecer repetitiva ao leitor, mas, em parte, talvez pela própria característica da Crítica Temática.

### 3 O DISCURSO LITERÁRIO E A QUEDA

O conhecido episódio denominado *A queda* consiste numa narração em que a Serpente (o Diabo<sup>2</sup>) convence Eva a comer do fruto proibido por Deus, o que se configura teologicamente como desrespeito de Adão e Eva ao seu Criador, acarretando, assim, a punição de Deus – mas como resolver a ambigüidade?!

Aqui, interessamos crucialmente pelas características, pelo comportamento e papel desempenhados pelas personagens Adão, Eva, Deus e Serpente, assim como pelo evento que elas desempenham, proporcionam e representam, tanto em *A queda*, quanto em *A Árvore do Mal (AM)*, de Junqueiro, e em *Adão e Eva no Paraíso (AEP)*, de Eça<sup>3</sup>.

Entendemos que entre tais obras há imbricamento, diálogo, complementação, “influência”, resposta. Um escritor lê o outro e todos participam de um encontro com os poetas do Gênesis, nas páginas da Bíblia. Tentaremos revelar as afinidades secretas, existentes dentro de cada obra, existentes entre as obras e entre seus elementos dispersos, constituindo, assim, uma “teia” acerca de um único tema: *Adão, Eva e Deus no paraíso*.

Em *AEP*, Eça de Queiroz dedica parte do conto à condição de Adão antes de Eva, à sua difícil relação com a natureza, os sáurios e animais diversos. Em extensos dias, Adão convive com a bravura da natureza, o rugido do vento, com as águas torrenciais, os rios secos, o oceano bravio. O surgimento de Eva traz alegria e tranqüilidade à terra, *todos os passarinhos despertaram e romperam num canto de congratulações e de esperanças*. Eça de Queiroz explora a mudança ocorrida na terra com a presença de Eva; ela é que dá calmaria, paz e vida aos elementos criados por Deus. A presença de Adão é insignificante face às mudanças e à organização necessária e urgente, as quais são habilmente promovidas por Eva. O processo ocorrente em *AEP*, portanto, difere do narrado pelo texto bíblico, em que Eva limita-se a ser a companheira de Adão, sem maior importância.

Guerra Junqueiro, por sua vez, revela que nossos Pais, puros, viviam numa doce e eterna infância. E eis que Deus, com sua mão astuta, põe no jardim a Árvore do Mal. De certo modo, Junqueiro atribui a Deus a responsabilidade e a culpa pelo pecado, devido ao fato de plantar uma árvore “intocável”, exatamente ao lado dos indivíduos inocentes e ingênuos, desprovidos de qualquer conhecimento, que eram Adão e Eva. Deus plantara sua árvore no

<sup>2</sup> Sobre o fato de entender a Serpente e o Diabo como personagem único, transcrevemos nota de rodapé d’*A Bíblia de Jerusalém* referente ao episódio genésíaco em que a Serpente convence Adão e Eva a comerem do fruto proibido: “A serpente serve aqui de máscara para um ser hostil a Deus e inimigo do homem. Nela a Sabedoria, e depois o NT e toda a tradição cristã, reconheceram o Adversário, o Diabo (cf. Jó 1,6 +)”. Em princípio, a identidade da Serpente com o Diabo é unânime na literatura ocidental.

local mais impróprio de seu Paraíso, isso revela-o – considerando aqui sua onisciência – possuidor de certo desejo, avesso à manutenção da tranqüilidade, e, talvez, da monotonia, em que viviam nossos Pais. Deus mostra-se incoerente e paradoxal, pois cria dois seres inocentes e ingênuos e lhes dá uma ordem, exigindo raciocínio, inteligência, malícia. Ou será que a obediência a Deus ocorreria às cegas, pelo puro e simples ato de obedecer, sem reflexão, sem entendimento, sem exercício mental? Isso não parece razoável. Se assim acreditou Deus, certamente agiu com imaturidade. Ainda que a obediência se explique pela fé, pela crença, pelo respeito, ela não deixa de ser um processo nutrido de percepção e entendimento.

Guerra Junqueiro atribui à *fruta* características, propriedades de ordem distinta: *fruta Venenosa da ciência*. Com *venenosa*, ele faz remissão ao contexto bíblico e eclesiástico, ao discurso disseminado no Ocidente acerca do pecado original; com *da ciência*, ele aponta para o conhecimento, para a sabedoria, para algo proibido a nossos Pais. Ao conjugar as duas características, Guerra Junqueiro ironiza a primeira, porque de fato a fruta não continha veneno algum, pelo contrário, continha alimento, sabedoria, e estava reservada apenas a Deus, que a comia, às escondidas, egoisticamente. Guerra Junqueiro critica o surgimento da *árvore do conhecimento* e o mistério em torno do *fruto*, diferente do que fazem Eça de Queiroz ou os poetas genesíacos, embora deixem subentendido que ela é uma criação de Deus.

No entanto, Eça de Queiroz faz um interessante comentário sobre os primeiros poetas, que, na verdade, denuncia seu poder de criação: *bem sábedores das Origens se mostraram os poetas mesopotâmicos do Génesis, nesses versículos subtils em que um animal, e o mais perigoso, a serpente, leva Adão, por amor de Eva, a colher o fruto do Saber!* Aqui, persuadido pela serpente, Adão é que colhe o fruto. Eça, portanto, inverte os papéis de nossos Pais em cotejo ao texto bíblico, em que Adão come do fruto colhido por Eva. Em decorrência desse episódio, Eça de Queiroz atribui que a Civilização, a Sociedade é obra da fera, é fecundada no ato de comer do fruto.

Guerra Junqueiro também compartilha a idéia de que a Sociedade originou-se no momento em que Eva colheu o belo fruto: *nesse instante sublime Eva tinha o Futuro na palma da sua mão!* Após tê-lo na mão, cabia-lhe prová-lo. Apesar disso, Adão e Eva seriam punidos se não comessem do fruto? E se, após colhê-lo, o guardassem ou o jogassem na terra, no chão do paraíso? Conforme Eva no texto bíblico, a punição ocorreria. Contou ela à Serpente: *Deus disse: Dele não comereis, nele não tocareis, sob pena de morte.* Isso significa que, ao tocá-lo, nossos Pais estavam adquirindo a mesma ciência que envolvia o fruto.

---

<sup>3</sup> A *Velhice do Padre Eterno*, onde se acha AM, foi publicado originalmente em 1885, e AEP em 1887.

Por outro lado, se tomarmos as palavras da Serpente, apenas o ato de comê-lo fora proibido: *Deus sabe que, no dia em que dele comerdes, vossos olhos se abrirão e vós sereis como deuses, versados no bem e no mal*, disse a Serpente à inocente Eva. Mas no capítulo 2 do Gênesis, as palavras – um mandamento – de Deus são estas: *Podes comer de todas as árvores do jardim. Mas da árvore do conhecimento do bem e do mal não comerás, porque no dia em que dela comerdes terás que morrer*. E parece mesmo que o ato de comer do fruto é que causa todo o “transtorno”, e não de tocá-lo, pois Deus, ao falar com Adão – e nunca com Eva –, volta-se para o “comer” ignorando o “tocar”: *Comeste da árvore que te proibi de comer!* E mais, apenas o ato de comer é lembrado por toda a tradição cristã, seja no discurso eclesiástico ou no literário.

Sobre a chance de diálogo, na Bíblia, nem Adão nem Eva têm espaço para argumentar ou apresentar sua versão dos fatos, salvo quando Deus lhes pergunta *por que comeste do fruto*.

Para Eça de Queiroz, a humanidade deve muito a nossa Mãe, profetisa, e sibila com adivinhação superior, que ouviu e confiou na Serpente. Em AEP, Eva é inteligente, dinâmica, cuidadosa, precavida, enquanto Adão é ignobil, desleixado, grosseiro e insensato; um indivíduo que não aprende com as experiências. Segundo Eça de Queiroz, sozinho Adão não teria comido do fruto e adquirido sabedoria, ele seria incapaz de perceber o conteúdo do fruto e das palavras da Serpente. *Adão teria comido a serpente, bocado mais suculento.* Tão somente um indivíduo sem percepção agiria exclusivamente pela fome. É devido à persuasão, também de Eva, que nosso Pai come do fruto. Eva mostra-lhe a felicidade, a glória, a força e o valor do saber. A esse respeito, comenta Eça de Queiroz: *Esta alegria dos poetas dos Génesis, com esplêndida subtileza nos revela a imensa obra de Eva nos anos dolorosos do Paraíso.* Com aguda percepção e atitude, nossa Mãe cimenta e bate as grandes pedras angulares na construção da humanidade. Em AEP, o comportamento da Serpente é discreto, e Eça não lhe dedica grande atenção, embora ela exerça ação crucial para o episódio narrado.

Ao comer do fruto, nossos Pais adquiriram o Saber, o qual consistia na experiência, nos cuidados domésticos de Eva, nos trabalhos braçais e de caça de Adão. Estava aí a Sabedoria resguardada pelo fruto proibido; se nossos Pais não o comessem, permaneceriam às mãos e à mercê de Deus no Paraíso de Delícias, *sabe-se lá como!* Após comer do fruto, Adão torna-se, paulatinamente, corajoso, bravio, trabalhador, ágil, mas não mais do que Eva na inteligência e na habilidade para com as pequenas coisas. No texto de Eça de Queiroz, Deus não expulsa nem “pune” Adão e Eva por comerem do fruto – não há pecado –, aliás, Deus não intervém nos dias de ambos. Coube aos dois, após comerem do fruto, cuidarem da própria

existência, descobrindo o Paraíso em que viviam, com trabalho, com tentativas, com suor, com experiência. A postura de Eça de Queiroz, de certo modo, reescreve parte do Gênesis no sentido de eliminar a alegoria artificial – para um leitor pouco racional – presente no texto bíblico e no discurso eclesiástico/religioso. Eça de Queiroz escreve a ponte entre a Criação e a Humanidade, a sociedade contemporânea, e, por conseguinte, Eça de Queiroz contribui, ao menos, em parte, para respostas a questões existenciais que perpassam a consciência moderna.

No texto de Eça de Queiroz, Eva por percepção toma iniciativa. De modo semelhante, age Eva no poema de Guerra Junqueiro, é ela que também colhe o fruto, embora não seja explicitado se ela o come. Adão o vê, e, abandonando a submissão covarde, come-o. Guerra Junqueiro intensifica a autonomia de Eva, ao não inserir em seu poema a Serpente. Em *AM*, nosso Pai é audacioso e perspectivo, é um anjo, em princípio, analfabeto, que se torna, também, detentor do conhecimento, o qual Deus desejava apenas para si. Aqui, Adão não é um ser ignorante e ingênuo como o considera Eça de Queiroz ou faz pressupor o texto bíblico. No poema de Guerra Junqueiro, é Deus que se mostra ingênuo, titubeando-se com sua criatura. Eis que põe a Árvore do Mal ao lado de nossos Pais, acreditando serem eles ignorantes e ingênuos o bastante para não tocá-la. Deus se esqueceu de que Adão e Eva possuíam o latente desejo de desvendar o Éden. E esse desejo é posto em prática, para surpresa de Deus. Nossos Pais percebem que a Árvore é do Bem, o qual os poderia igualar, portanto, a Deus no que tange ao conhecimento.

No texto bíblico, Eva é fraca e ingênuia. Persuadida pela Serpente, Eva colhe o fruto, come-o e oferece-o ao marido, e ele também come do fruto. Aqui, Adão se mostra um ser também ingênuo. O texto bíblico revela as razões pelas quais Eva come do fruto, mas não faz o mesmo acerca de Adão. Não se sabe se Adão o come por desrespeito a Deus, por audácia, por amor e companheirismo a Eva, ou apenas por ingenuidade. Esses aspectos são desconsiderados pelos primeiros poetas. Mas esse vazio deixado no texto, de certo modo, reitera a idéia de que Adão é um ser “munido” de ingenuidade, sem perspicácia. Diferentemente do texto bíblico, em *AM*, a audácia, a coragem, o risco pelo novo, a vontade, o desejo de provar e conhecer são o que motivam o ato de Adão. Já em *AEP*, Adão o faz movido pela persuasão de Eva.

Em todos os textos em foco, a postura de Deus é de punição a nossos Pais. Em *AM*, Jeová “roga praga” à estátua – Eva – que criara, ao vê-la igual a si, com a mesma sabedoria que possui: *Maldita seja a seara cuja semente és tu!* Com isso, Guerra Junqueiro revela um Deus punitivo, egoísta, avesso ao perdão. Evidencia-se, aí, que Deus ainda não conhecia o perdão. No texto bíblico, *Iahweh* Deus torna a Serpente o animal maldito, Eva a detentora das

dores da gravidez e submissa ao marido, Adão o ser a cultivar a terra para ter de comer. Parece mesmo que os poetas genesíacos criaram um texto carregado de alegoria. É inimaginável para a consciência moderna alguma hipótese de a Serpente caminhar sobre pares de patas, de a mulher gerar um filho sem qualquer dor, de a Humanidade se alimentar sem dedicar bagas de suor no trabalho com a terra. Alegoricamente, Deus expulsa do Éden nossos Pais, porque na sua perspectiva essa seria a punição maior. Em suma, essa atitude de Deus é, de certo modo, um idéia subjacente nos dois textos literários, em questão.

Em *AM*, após revelar a punição de Deus, o autor vai em direção do anticlericalismo, criticando a postura da igreja, que assume o discurso bíblico. Conforme Guerra Junqueiro, nossos Pais, ao comerem do fruto, vão contra Deus; e o físico Newton, ao deitar-se sob a Árvore do Mal e perceber a queda do fruto, vai contra a Igreja: a qual lança-lhe excomunhões. O fruto, por si só, naturalmente, cai sobre Newton, sobre os homens. Newton apenas revela aos “quatro ventos” o incidente. Ou seja, a Humanidade adquire o conhecimento mediante “ação” da própria árvore. A Humanidade, após saciar-se do fruto à disposição, da sabedoria, do conhecimento, que antes pertencia apenas a Deus, cria um novo Paraíso, o paraíso humano, o que permite dispensar Deus do processo de criação e de condução do mundo. Diz Guerra Junqueiro, *Homens, dizei então a Jeová: – Tirano, Vai-te embora daqui! Construímos de novo o paraíso humano; Fizemo-lo sem ti.* Saciando-se do fruto, o Homem torna-se tão superior quanto Deus. Assim, o Homem, depois do Éden, encontra seu Paraíso, iniciando o Nascimento, a Vida.

Em *AM*, Deus, ao proibir nossos Pais de comer do fruto, quis impedir que a humanidade se aproximasse do Olimpo – símbolo da sabedoria. No entanto, devido à audácia e percepção de Adão e de Eva, conforme Junqueiro, os homens podem, mediante a Sabedoria, conquistar o Olimpo.

No texto bíblico, nem Adão nem Eva, de fato, tomam iniciativa para algo. Eles se comportam muito mais como personalidades manipuladas, ora da Serpente, ora de Deus. Aliás, após serem expulsos, ocorre, no texto bíblico, o que Deus os atribuía no momento da despedida: esse é o discurso repetido pela igreja cristã em geral. A Humanidade, porém, parece ter entrado por outro caminho e se comportado em prol do Amor e da Vida!, ainda que a história da Humanidade seja recheada de fatos contrários às pretensões de Adão e Eva.

## 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma questão que nossa análise evidencia e mantém-se em aberto é sobre quem de fato foi ingênuo e titubeou-se nesse episódio. Alguns leitores aqui diriam que no texto bíblico está a resposta, porque é verdadeiro. Mas não, esse critério de classificação textual não é subjacente na Teopoética.

Retomando o início do item 3, como resolver a ambigüidade da expressão *punição de Deus*? Uma resposta rápida a partir de nossa análise diria que todos: Adão, Eva, a Serpente e Deus. Mas não teria Deus criado os outros e todo o Éden? Sim. Então por que os colocou ao lado da *árvore proibida*, e dotados da capacidade de perceberem que no fruto havia a preciosidade do paraíso? Deus poderia ter feito diferente, pois sua onipotência é inegável. Parece sensato, portanto, considerar que o Criador é dono da Criatura, assim como do poder dessa Criatura. Ou seja, Deus seria o criador do pecado.

Mas há outra saída. Os poetas genesíacos não poderiam seguir uma alternativa que retirasse de Adão e Eva a responsabilidade moral pelo pecado, porque essa atribuição tornou-se o episódio crucial para o Gênesis, talvez para toda a escrita bíblica. Sem ele, o paraíso não teria existido ou, então, não conheceríamos os poetas genesíacos.

Por fim, parece consenso que, apenas após a expulsão, a Vida, de fato, se inicia, carregada de Amor, Prazer, Luz, Conhecimento; elementos vitais ao ser humano, dos quais Adão e Eva estavam privados enquanto caminhavam na calmaria do Paraíso de Deus. A identificação desses aspectos nos textos lidos aqui dialoga diretamente com a consciência moderna, com a sociedade contemporânea, dando, ao menos em parte, resposta às indagações do Homem sobre a própria existência, ao “auto-esclarecimento” que tanto o inquieta. A esse respeito, observa Kuschel (1999, p.217): “o falar sobre Deus tem nos escritores a função de um auto-esclarecimento realista do ser humano acerca de suas possibilidades e esperanças e acerca dos enganos a que ele mesmo se submete”.

## REFERÊNCIAS

- A *Bíblia de Jerusalém*. 8. impressão. São Paulo: Paulus, 2000.
- BERGEZ, Daniel. A crítica temática – Parte II. In: *Métodos críticos para a análise literária*. Tradução O. M. R. Prata. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- BUENO, Aparecida de Fátima. *As imagens de Cristo na obra de Eça de Queiroz*. Tese de doutoramento. IEL – Unicamp. Campinas, 2000, 233 p.
- FERRAZ, Salma. Adeusinho, adeusinho, cousas de religião. In: FERRAZ, Salma. *Ensaios – Fernando Pessoa, Eça de Queiroz, Saramago*. São Paulo: Cone Sul, 1997, p.99-114.

- JUNQUEIRO, Guerra. *A Velhice do Padre Eterno*. Porto: Lello & Irmão, 1967.
- KUSCHEL, Karl-Josef. *Os escritores e as escrituras: retratos teológico-literários*. Tradução P. A. Soethe *et al.* Cap.I e VI. São Paulo: Edições Loyola, 1999.
- QUEIROZ, Eça de. Adão e Eva no Paraíso. In: *Contos*. Lisboa: Edição Livros do Brasil, s/d.
- \_\_\_\_\_. *A Relíquia*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1997, 254 p. (Biblioteca Folha, 6).
- QUENTAL, Antero de. A Bíblia da Humanidade de Michelet. In: *Filosofia*. Universidade dos Açores, s/d.